



## GT 10 – Informação e Memória

ISSN 2177-3688

### ARQUIVO PESSOAL COMO EXTENSOR DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA PERSONAL ARCHIVE AS AN INDIVIDUAL AND COLLECTIVE MEMORY EXTENDER

**Karina Ceci de Sousa Holmes** - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
**Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira** - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A pesquisa objetiva refletir o arquivo pessoal e seu potencial informacional e sua capacidade auxiliar da memória individual e coletiva implícitas e explícitas em seus diversos suportes. Isso ao considerar os artefatos com e seus registros com potencial informacional, capaz de produzir gatilhos de memórias, com vistas a atender a indagação norteadora como os arquivos pessoais revelam trajetórias implícitas e explícitas por meio de seus documentos e suas materialidades? Do ponto de vista teórico o estudo ancorou-se em Artiéres (1998); Ricouer (2007); Azevedo Netto (2007); Córdula e Oliveira (2015) entre outros. Do ponto de vista metodológico, o estudo pauta – se em uma abordagem qualitativa pois se preocupa com a compreensão (Silveira; Córdova, 2009), do tipo documental e bibliográfica. Dentre os aspectos investigados os resultados apontam que estamos envolvidos diariamente com informações contidas nas coisas que possuímos. Portanto, o arquivo pessoal possibilita descrever percalços ocorridos no silêncio e na intimidade da vida pessoal, cujo potencial informacional ao ser compartilhado pode subsidiar memórias coletivas.

**Palavras-chave:** arquivo pessoal; memória; artefatos; informação.

**Abstract:** The research aims to reflect the personal archive and its informational potential and its auxiliary capacity for individual and collective memory implicit and explicit in its various supports. This is when considering artifacts and their records with informational potential, capable of producing triggers of memories, with a view to answering the guiding question: how do personal archives reveal implicit and explicit trajectories through their documents and their materialities? From a theoretical point of view, the study was anchored in Artiéres (1998); Ricouer (2007); Azevedo Netto (2007); Córdula and Oliveira (2015) among others. From a methodological point of view, the study is based on a qualitative approach as it is concerned with understanding (Silveira; Córdova, 2009), of a documentary and bibliographic type. Among the aspects investigated, the results indicate that we are involved daily with information contained in the things we own. Therefore, the personal archive makes it possible to describe mishaps that occurred in the silence and intimacy of personal life, whose informational potential when shared can subsidize collective memories.

**Keywords:** personal archive; memory; artifacts; information.

#### **1 REMEXENDO UM ARQUIVO PESSOAL**

O ser humano em sua existência consciente ou não, produz e recebe documentos que acabam por culminarem em seus arquivos pessoais ou familiares, todavia, muitos de seus

titulares ou herdeiros, parecem, desconhecer o potencial informacional (Candau, 2012; Silva e Oliveira, 2014) de tais registros ou mesmo os valores sócio-histórico de cada um deles, talvez por achar que certos documentos como, cartas, cartões ou outra formas de registros podem não ter ou representar alguma valia, do ponto de vista sociocultural e histórico. Possivelmente, por desconsiderar e/ou por não perceber que estes arquivos se constituem em fonte de informação conforme alerta Córdula e Oliveira (2015, p. 27) que,

[...] ao longo da vida, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos importantes, trazendo à tona suas relações pessoais, familiares e profissionais, seus gostos, interesses e hábitos. São fotografias, diplomas, documentos de trabalho, diários de registros, cartas, recibos, enfim, “papéis antigos”. Os documentos produzidos e reunidos por indivíduos tornam – se pontes que ligam ao cenário de sua trajetória da vida, possibilitando um contato com a representação de seu desempenho e função social, sua vida no âmbito familiar, profissional, afetos, desafetos, amores, amigos enfim, a representação do seu cotidiano em períodos diferentes. (Córdula; Oliveira, 2015, p. 27).

Destarte, Artières (1998, p.10) nos indaga o porquê das perdas, se quase tudo passa por algum registro. Logo, ele mesmo responde:

[...] primeiro, porque a perda é induzida por certas práticas (a correspondência, por exemplo, é por natureza uma escrita perdida). Depois, porque dessa vida de todo dia, retemos apenas alguns elementos (um diário íntimo, por exemplo, é por definição uma seleção e não é jamais exaustivo). Enfim, porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias (Artières, 1998, p. 10).

E estas intenções e contradições nos provoca pensar sobre o desejo de guardar ou manutenção de alguns documentos. E quando se encontra ou manuseia algo que foi guardado, esquecido ou perdido no tempo eles, possivelmente, podem possibilitar uma evocação de uma determinada lembrança que de acordo com Ricouer (2007, p. 76) “[...] é a arte da memória”. Arte que se divide em duas condições uma vinculada às imagens mentais que se refere no que se deseja lembrar e a outra nas imagens fáceis de serem evocadas quando desejada e assim refletidas quando se busca algo; Quando se procura através de uma imagem, ao ouvir uma música, ao sentir um cheiro, ao tocar em um objeto enfim, quando se tem o encontro com o desejado para reencontrar, reconhecendo e aprovando a coisa buscada, e, considerada como esquecida (Ricouer, 2007).

Nessa linha de raciocínio indagamos como os arquivos pessoais revelam trajetórias implícitas e explícitas por meio de seus documentos e suas materialidades? Com vistas a

responder a indagação norteadora traçou-se como objetivo geral refletir o arquivo pessoal e seu potencial informacional e sua capacidade auxiliar da memória individual e coletiva implícitas e explícitas em seus diversos suportes. Isso ao considerar os artefatos com e seus registros com potencial informacional, capaz de produzir gatilhos de memórias. Assim, apresentamos registros que dados de uma trajetória de vida. Como também relato de quem cuida por décadas destes mesmos documentos.

Do ponto de vista metodológico, o estudo pauta – se em uma abordagem qualitativa pois se preocupa com a compreensão (Silveira; Córdova, 2009), do tipo documental e bibliográfica. Revisitando o arquivo pessoal envolvido por um relato que descreve a partir deste arquivo lembranças trazidas quando os gatilhos foram disparados ao manusear alguns artefatos, permitindo, assim, o entendimento de que somos envolvidos diariamente com informações que tratam de nossa própria existência seja ela individual e coletiva.

Os arquivos pessoais enquanto extensores de memória podem possibilitar o acesso a informações adormecidas, silenciadas, contribuindo para que o indivíduo possa, por intermédio dos documentos ali preservados, ora intencionalmente ou não, acionar os mais diversos sentimentos como saudades, raiva, repulsa, redescoberta de algo ou de/sobre alguém, de momentos vividos ou só lembrar de relatos sobre acontecimentos, fatos, enfim de histórias que envolve um momento na vida desta ou de outra pessoa, de lugares entre outros. Isso porque as lembranças estão sempre sendo passado e repassado entre gerações, ou seja, de nós para outros ou vice-versa (Pinheiro; Oliveira; Simões, 2019). Entendimento partilhado por Barros (2011, p. 77), ao afirmar:

O arquivo pessoal é a materialidade mais contundente na relação que estabelece entre a memória individual e a coletiva, à medida que os documentos ali encontrados fazem parte do ideário individual de uma pessoa, que fez parte de um grupo político e/ou artístico e produziu documentos, ou seja, ele foi influenciado e influenciou os saberes e discursos produzidos em uma determinada época.

Buscando modelo ilustrativo, apresentamos o exemplo exposto na Figura 1, revela um momento vivido, mas não lembrado, porém repassado oralmente entre gerações até sua comprovação por meio do registro imagético.

**Figura 1:** Registro dos bisavós paternos e maternos segurando pela primeira vez o bisneto ao chegar da maternidade



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora (2002)

Nesta linha de pensamento, entende-se que ao manusear um determinado artefato, registro, ao ouvir um som, uma música de um determinado Lp, Cd, fita entre tantas outras maneiras de recordar um momento feliz ou não. É possível reviver, por instantes, e muitas vezes, repassar informação ou levar a outros em momento distintos, apresentando neste compartilhamento informacional não só o valor significativo, mas também o representativo. Nessa esteira de raciocínio afirma Miller (2013, p. 200) que “[...] as coisas fazem as pessoas tanto quanto as pessoas fazem as coisas”.

Podemos então inferir que a informação é o elemento pelo qual as pessoas podem descobrir ou entender o porquê de certas situações, ocasiões, permitindo, de alguma forma a luta contra o esquecimento, tanto do ponto de vista pessoal quanto coletivo, Cunha (2002, p. 2) afirma que “[...] é necessário não esquecer que o trabalho de informação é um trabalho de troca é através desta troca que crescemos que obtemos mais informações [...]”, pois de acordo com Azevedo Netto (2007, p. 4) “[...] a informação só existe na presença do homem [...]”. Se a informação só existe na presença do homem como bem expõe Azevedo Netto (2007), podemos perceber que vivemos numa permanente interação informacional.

Nesse aspecto as informações cotidianas se apresentam de diversas maneiras e se materializam em objetos pessoais em sua mais plural materialidade trazendo em si informações que descrevem e indicam uma determinada cultura. Alicerça Miller (2013) quanto a cultura que,

Uma sociedade particular elabora suas práticas culturais mediante um padrão subjacente que é manifestado numa multiplicidade de formas diferentes. Ao aprender a interagir com uma profusão de culturas materiais,

o indivíduo cresce aceitando as normas que nós chamamos de cultura. [...] isso propicia uma teoria da cultura material que dá aos trechos muito mais significado do que se podia esperar. Acima de tudo, a cultura vem dos trechos. (Miller, 2013, p. 82- 83).

Destacamos a cultura de um povo que tem como prática guardar objetos de crianças, considerando estes objetos como um desejo de homenagem e de herança, ainda que não se detenha a uma finalidade específica. Isso se faz presente quando o responsável, titular ou não, preserva uma vestimenta, um álbum de fotografias, a primeira mecha de cabelo, o primeiro dente de leite, o anel do ABC, o primeiro cordão, a medalhinha (pingente) que traz um santo ou um anjo de guarda, entre tantos outros elementos, como o próprio umbigo, em que alguns culturas, com ênfase na cultura nordestina, tem-se como prática enterrar o umbigo do recém-nascido nas entradas de grandes fazendas ou mesmo outros lugares, expressão do desejo de que aquela criança alcance o sucesso financeiro e bem sucedido representado pelo lugar em que o umbigo foi enterrado. Exemplo: há responsáveis que enterram o umbigo da criança na entrada de uma fazenda e desejam que aquela criança se torne um fazendeiro. É a cultura de um povo se fazendo presente diante dos usos plurais dos artefatos.

É a geração mais velha utilizando-se dos objetos como espécie de herança cultural para que seus descendentes numa espécie de compartilhamento cultural e de conhecimentos tradicionais, a cultura e suas práticas (Miller, 2013).

**Figura 2:** Registro da primeira mecha do cabelo, do primeiro dente de leite, do primeiro cordão com a medalha do anjo Gabriel



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A busca pela preservação de determinados objetos, acabam por se tornarem deslocados de seus espaços originais, uma forma de documentar, de provar e de testemunhar, determinado acontecimento ou fato (Briet, 2016), segundo a autora, um documento é capaz de informar, indicar e dar sentido ao que se deseja conhecer, apresentar

e com a explosão informacional, percebe - se o quanto a memória é significativa no campo da Ciência da Informação em razão da responsabilidade que tem a área no que se refere ao tratamento e a disseminação da informação (Barros, 2012).

Nesse sentido a memória tem papel relevante, pois o homem moderno, não repudia nada de sua herança. Segundo Artiéres (1998, p. 16) “[...] manter arquivos da própria vida seria considerado uma contribuição ao conhecimento de gênero humano”.

Pelo exposto arquivar-se é deixar registros seja na vida pessoal, social, familiar, profissional e coletiva intencional ou não, poderão, no futuro, servir para pesquisas futuras. Como afirmam Vianna, Lisovsky e Moraes de Sá (1986, p. 67):

O arquivador constitui sua coleção de documentos segundo critérios que lhes são preciosos – precaução, vingança, pragmatismo político ou administrativo (economia, eficiência etc.), orgulho, fantasia e até mesmo, senso histórico. De qualquer forma, o arquivador constitui sua coleção como parte de si segundo um movimento que é, em primeiro lugar, um exercício de controle sobre os eventos e que pode ainda estar erigindo sua eternidade enquanto indivíduo, cujo único critério de aferição, e sólida garantia, é exatamente a memória.

Todavia, nos indagamos, por que os pesquisadores evitam ou não trabalham também com o seu próprio arquivo pessoal ou de família? A ousadia de investigar a si mesmo e aos integrantes do núcleo familiar poderia trazer reminiscência do passado nem sempre prazerosas, a despeito dos problemas cotidianos que fazem parte do meio social permitindo com que pessoas pudessem se identificar com as experiências do outro, e essa fazer pessoal poderia equipara-se ao que Foucault (1992) denominou de Escrita de Si. Nesse sentido, uma autorreflexão que culminaria com o interesse em usar escritas como forma de incentivo e motivação ou mesmo de reconciliação com o passado, uma vez que de acordo com Artiéres (1998, p. 11) “[...] arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência [...]”.

Briet (2016, p. 12) afirma que apoiado “[...] na riqueza da experiência legada pelo passado, ele volta resolutamente para o mundo do amanhã” através de suas experiências vividas e trazida pela memória, pois “[...] a memória é do passado [...]” (Aristóteles, 2012, p. 76). E os meios materiais que são utilizados para armazenar e que são empregados para a memória, são indispensáveis com a finalidade que o arquivo tenha a funcionalidade de armazenamento de conhecimento coletivo e que o meio mais usado é a escrita, afirma Assmann (2011).

Dentre esses aspectos consideramos que estamos envolvidos diariamente com informações contidas nas coisas que nós possuímos. Portanto, o arquivo da memória nos permite descrever percalços ocorridos no silêncio da vida, percalços que podem ser transformados em histórias e comprovadas através documentos existentes nos arquivos pessoais podendo de certo modo, acionar seu potencial informacional.

## **2 ARQUIVO PESSOAL: UM PEDACINHO DE NÓS**

É possível apresentar uma trajetória de vida quando os gatilhos disparam e permitem que a memória evoque lembranças pessoais e coletivas pelo fato de que haja um reconhecimento sobre um determinado passado devido a memória ser constituída por pessoas que se torna em personagens de uma história quase que herdada (Pollak, 1992). E esse quase, nos remete pensar como alguns costumes estão sendo esquecidos e deixados de lado, possibilitando assim, com que gerações futuras desconhecem e desconsiderem que um determinado documento seja ele artefato, registro possam servir de elemento construtivo de um capítulo do livro da vida.

Considera Oliveira (2018) que acumular documentos é uma espécie de tornar autor de si mesmo, mesmo que este elimine outros, uma vez que a seleção feita pelo titular também se constitui em uma espécie de itinerário pelo qual gostaria de ser conhecido (OLIVEIRA, 2019). Desta maneira guardar e preservar o que deseja servir de indicativo para ser revelado é querer narrar uma história através do que deseja apresentar pois só se preserva aquilo que se deseja mostrar.

É importante pensar que “[...] apesar de aguardar muitas vezes em silêncio, o seu interpretante, o conjunto documental propõe ao sujeito manter-se como o organizador de sua própria vida, autor da escrita de si mesmo [...]” (Oliveira, 2018, p. 56). Reconstituir um capítulo da vida através de documentos, despretensiosamente, acumulados possibilita rememorar, por meio da escrita de si, o passado/presente na construção de uma história de vida. É transformar momentos passados e não percebidos sem nos darmos conta do quanto foi vivido, do quanto sobrevivemos, das conquistas alcançadas, das lutas travadas e das experiências adquiridas, assim como, das identidades fortalecidas. Nesse aspecto podemos inferir que os arquivos pessoais são efetivos contributos para o fortalecimento identitário de gerações mais novas, rompendo o silêncio do tempo. Assim, pequenos registros podem auxiliar nessa construção biográfica, conforme revela a Figura 3.

**Figura 3:** Registros do primeiro convite recebido de aniversário (2003), o convite do próprio chá de bebê (2001), o primeiro cartão confeccionado ao dia das mães (2007)



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

A prática de guardar, como afirmou Vianna, Lisovsky e Moraes de Sá (1986) conduz de algum modo a memória, independente das causas motivadoras. Por outro lado, preservá-los é no nosso entendimento responsabilidade social, é dar ao outro, o direito de seu próprio itinerário, uma vez que esse pode ter sido o modo como o outro desejou falar de si. Porque guardar fragmentos pertencentes ao outro é firmar mesmo que por décadas informes importantes, essenciais e fundamentais para entender um pouco sobre uma vida cheia de mudanças e revelações através do individual e do coletivo de acordo com um determinado tempo. Enfim, entendemos que tudo é passivo e possível de ser pesquisado, basta entender e olhar com cuidado o que deseja pesquisar porque os seres humanos “[...] são curiosos, e essa curiosidade está no cerne da ciência [...]” (Bynum, 2018, p.02).

Investigar em arquivos pessoais é a possibilidade de reescrita da história do outro, e do coletivo, isso inclui o familiar. Os arquivos pessoais e de família, possuem características específicas, no que se refere aos objetos que o constituem, seja ele fotografia, cartas, documentos pessoais, diários pessoais ou de campo, entre tantos outros. Todos, de alguma maneira possuem um potencial infomemorial, dependendo apenas do interpretante. Preservá-los é lançar luz sobre o passado no presente.

### 3 A MEMÓRIA DO EU ENTRELAÇADA COM O OUTRO

Falar de si mesmo é uma prática íntima e de encorajamento que pode tornar-se pública ou não. Arquivar-se é uma forma que temos de “[...] escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte [...]” (Artiéres, 1998, p.32), é deixar como herança a história através de representações. De acordo com Bosi (2003, p.16) “[...] do vínculo com o passado se extrai forças para a formação de identidade [...]”, mesmo que cada história seja

individual ou coletiva, passado e presente permanecem ligados um ao outro, e contribuem para pensar e prospectar o futuro.

Acredita-se que a força da escrita seja sempre oportunidades de novos olhares, compreensões, discordâncias e entendimentos. E escrever utilizando seu próprio arquivo pessoal é ressuscitar histórias de si e do outro através de documentos, objetos que não possuem vida própria, mas que tem a capacidade de contar, apresentar, reviver, provar a trajetória de uma vida, de um lugar. É envolver um percurso em busca de um olhar mais atento aos detalhes. Souto (2009, p.35) afirma que “[...] a história não é lembrança, mas uma reconstrução intelectual do passado”. E buscar através da memória contemplar este registro através de uma narrativa referente a um fragmento vida se dá justamente por que “[...] ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também um elo que se corporifica (e se enrijece) na narrativa [...]” (Bosi, 2003, p.35). Nisso constitui o sentido e a confirmação tornando um tempo vivido em materialidade construída a partir das experiências.

### 3.1 PÁGINA DA VIDA: O PRAZER DA ESCRITA DE SI

A experiência vivida descrita pelos documentos que narram uma memória pessoal e familiar, tem início em 24 de julho 2001, realização de um exame de sangue para comprovar a existência de uma nova vida.

**Figura 4:** Teste de gravidez (2001)

O formulário é de um laboratório clínico em João Pessoa, pertencente ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário. O cabeçalho indica o nome do médico requisitante, Prof. Júlio de Carvalho Barata, e o endereço: Rua Dez. Souto Maior, 256 - Fone: 221-2079 - João Pessoa - Paraíba. O paciente é identificado pelo nome [redigido] e matrícula 2.254.317. O exame foi realizado em 24/07/01, com material de urina e método Planotest. O resultado é positivo, registrado como 'Reação.....(+) Positivo.'. O formulário contém uma assinatura e o nome do médico, Dr. Júlio de Carvalho Barata, na parte inferior.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A notícia surpreende a família que não esperava o resultado, que surge após seis anos de uma relação baseada no “*não desejo, agora*”. Os meses passaram e a gravidez se desenvolve, em uma mulher de apenas 22 anos. Em oito de março de 2002 às 12:26h, um

primeiro e único rebento de parto normal, pesando 2kg e 610g, medindo 49cm, recebendo o nome de Mácio Vinícius.

**Figura 5:** Pulseira da maternidade, a jovem mãe grávida de 6 meses e no momento de alta da maternidade



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora (2001 - 2002)

Os meses se passam, e documentos registram por meio de imagens, o cotidiano de uma família de adolescentes marcada pela maternidade precoce. À época os registros fotográficos eram revelados, marcando a memória da ocasião, a exemplo das fotos de primeiro aniversário, conforme revela a Figura 6. Revelar as fotografias era condição *sine qua* para que, no futuro, detalhes de uma infância pudessem ser revelados, uma vez que a oralidade nem sempre apresenta.

**Figura 6:** Aniversário de 1 ano de Mácio Vinícius (2003)



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB  
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

No dia seguinte às festividades do primeiro aniversário, registra-se nos arquivos o batismo realizado pela fé católica na igreja de Nossa Senhora do Carmo, na capital paraibana. Mas, aquele menino, ainda na infância escolhe ele mesmo seguir outro caminho religioso, e professa sua fé, com um novo batismo, desta vez, na umbanda, conforme registra a Figura 7, opção que permanece ativo até o momento deste escrito.

**Figura 7:** Texto litúrgico utilizado na missa de batismo (2003), certificado de batismo na umbanda (2004) e Mácio Vinícius com a roupa do Batismo (2003)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Todos os passos dessa criança seguiram-se cercados por registros, a exemplo do ingresso no mundo escolar, conforme mostram as Figuras 8, 9 e 10. Espaço de novos desafios de uma vida, adaptação, aceitação, novas amizades entre outros, algumas iniciaram no pré-escolar ao ensino fundamental.

**Figura 8:** Cartão de entrada na primeira escola de Mácio Vinícius (2004)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 9:** Mácio Vinícius realizando a tarefa escolar (2008)



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 10:** Mácio Vinícius na formatura do segundo grau (2019)



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

No percurso da formação escolar, é chegado ao ensino médio. Os registros escolares revelam um jovem aparentemente maduro para a idade, com metas a perseguir. Concluído essa fase ingressa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para fazer, por opção pessoal, o curso na mesma área profissional materna. E segue, arquivando a própria vida!

Em pleno 2023, aos 21 anos de idade àquele menino, tornou-se universitário, trabalhador e estudante com consciência de classe, e de outros conteúdos socialmente delicados, enfrenta com força a intolerância religiosa, e luta pela igualdade de direitos. No percurso, deixa transparecer que apesar da tenra idade, compreender que a vida é um espaço de vivências múltiplas, de desafios, lutas, conquistas e ideias. Por outro lado, observa-se que a narrativa aqui posta só foi possível mediante os artefatos preservados no arquivo pessoal e de família. Isso porque pactuamos da importância do registro e de sua preservação, considerando que esse é o caminho para “[...] que a memória [...] arquivada, documentada. [...] deixou de ser uma lembrança, no sentido próprio da palavra [...]” (Ricoeur, 2007, p.189).

**Figura 11:** Mácio Vinícius em atividade profissional (15 Batalhão -2022)



**Fonte:** Arquivo pessoal de Mácio Vinícius

Falar do eu através da memória é voltar ao passado através de meu/nosso arquivo pessoal, é sentir a importância desses registros como documentos de vida. É deixar as marcas de uma trajetória para o eu individual e coletivo.

#### **4 CHEGANDO NAS CONSIDERAÇÕES APARTIR DE UM ARQUIVO, UMA HISTÓRIA: OUTRAS HISTÓRIAS**

Sabemos que escrever sobre si às vezes nos coloca em posições perigosas pelo fato de que fazer essa junção entre arquivo pessoal, memória e informação é levar ao entendimento de que eles se completam, pois, tudo é informação, porém com uma ressalva quando é informação quando a mesma é percebida fazendo relação de significados. Compreende-se que esses significados podem ser até mesmo por meio imaterial do qual nos firmamos na oralidade.

Preservar documentos pessoais, independente da materialidade é arquivar fatos, acontecimentos, amores, saudade preservando informações que podem servir quando transformada em informação pública como uma informação que motiva, exemplifica e incentiva pesquisadores a saírem de suas zonas de conforto. Reviver a memória por meio dos artefatos documentais como fonte primária é possibilitar compreender que todo sujeito possui memória e história. Preservar para expor é trazer ao nosso presente significados existentes do meu, do seu e de outros passados ativando os gatilhos de memória gerando um misto de sensações, muitas vezes, indesejadas.

Todavia, ressalte-se que para alguns é fácil descrever sensações sentidas ao lembrar de um determinado tempo passado, para outros é um momento de sofrimento isso a depender do que seja ativada na memória, por quem ou por quê.

Daí, a necessidade e importância social em estabelecer relações entre arquivo pessoal, memória e informação, no âmbito da Ciência da Informação, capaz de demarcar uma dinâmica de expansão, permitindo que a informação seja compartilhada e percebida como uma reconstrução da memória individual, coletiva firmando assim a identidade e uma tradição ocorrida no âmbito individual ou familiar. Além de instigar novos pesquisadores que as nossas histórias também importam e que a tríade arquivo pessoal, memória e a informação são importantes e necessárias para o campo investigativo.

#### **REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. São Paulo: Edipro, 2012.

ARTIÉRES, P. Escrita de si/Escrita da história. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. [sl]: 1998 – 2. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>  
Acesso: 05/07/2023

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e Memória- as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, v.1, n.2, UFGD: Dourados, jul.dez,2007. Disponível em:  
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/412> Acesso: 05/07/2023

BARROS, K. C. Q. **Rede humana de relações**: relações de sociabilidade a partir do acervo fotográfico de José Simeão Leal. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3922>. Acesso: 06/07/2023

BARROS, T; TOGNOLI, N. As implicações dos Arquivos Pessoais: Elementos conceituais. **Ponto de Acesso**. Salvador, v.5, n.1, p. 66-84, 2011

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Brique de Lemos, 2016.

BYNUM, W. **Uma breve história da ciência**. Porto Alegre, RS: L&M,2018.

CANAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CÓRDULA, A. C. C.; OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **Políbio Alves**: um homem, um arquivo, uma trajetória. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisa**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **José Simeão Leal**: o editor público brasileiro. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

PINHEIRO, M. de O.; OLIVEIRA, B. M. J. F. de; SIMÕES, M. das G. de M. O ritual areuiae a conversão indígena no norte do Brasil: entre memórias e representação da informação. *In*:

OLIVEIRA, B. M. F. de (Org.). **Memórias**: lugar onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Ed. UFPB, 2019. p.83-104.

POLLAK, M. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10,1992, p.200-212. Disponível em:  
<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> Acesso: 05/07//2023

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**: Porto Alegre: EdUFRGS, 2009. p. 31-42

SOUTO, I. P. **A construção do eu na autobiografia de Victoria O´Campo**. Rio de Janeiro: UFRJ,2009. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em letras neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

VIANNA, A.; LISSOVSKY, M.; SÁ, P. S. M. de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arquivo & Administração**, v. 10-14, n. 2, 1986. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21184>. Acesso em: 10/07/2023.